

João Reis

«Um humor sarcástico e subtil
que se vê pouco na literatura lusa.»

Público



Ilustrações de
Lord Mantraste

A DEVASTACÃO DO SILÊNCIO

ELSINORE

|

Encontrava-me ali contrafeito. Devia estar em casa, mas esperava o meu amigo, que se tinha esquecido de comprar um segundo bilhete de comboio, nunca viajava sem se certificar de que comprara dois, tinha medo de perder um e, caso fosse o único que tinha consigo, não poder seguir viagem ou seguir viagem e ser multado. Na verdade, nunca tinha viajado sem bilhete, não ousaria fazê-lo, tal como nunca tinha sido multado ou expulso de um comboio, todavia, a um tio seu tinham-no obrigado a sair da carruagem e a passar horas num apeadeiro, entre ervas e arbustos, sem nada que comer ou beber, longe de povoações, nem sequer havia uma fonte, o vento curvava as ervas e os arbustos, arrastava ramos de árvores e o tio esperava pelo próximo comboio, tinha perdido o bilhete e exaltara-se com a reprimenda do revisor, que se recusou a vender-lhe um dentro do comboio e o obrigou a sair no apeadeiro, depois de discutirem violentamente e quase se agredirem. Portanto, o meu amigo não facilitava no que respeitava a viagens de comboio, ele era assim, precavido. Tinha regressado à estação, eu esperava-o diante do café.

Durante os cerca de quinze minutos que suporrei no passeio, o garçom abordou-me por três vezes para me sugerir a sala quente nas traseiras do estabelecimento — um salão para clientes seletos, grande novidade no ramo da restauração na nossa cidade —, e uma mulher tentou vender-me um ramo de rosas vermelhas, garantindo-me que o marido estava impedido de trabalhar,

era inválido, coxo, não tinha outro remédio senão vender flores na rua, não tinha rosas brancas, não lhe comprei nada, a mulher insistiu, tinha cerca de quarenta anos e quase cantava ao falar, talvez também vendesse legumes no mercado, mantive-me firme, não comprei nada, ela resmungou e foi-se embora, continuei à espera, pigarrei, pontapeei ao de leve o degrau que dava acesso ao café, os elétricos passavam apinhados de passageiros, alguns com a cabeça, os braços, os pés de fora, os carris chiavam, era de manhã cedo, levantou-se um vento desagradável, além de irritado, começava a sentir-me resfriado, os pés enregelavam-se-me, o meu amigo demorava-se e eu devia estar em casa, claro, como tinha prometido à minha mulher, tinha-lhe dito que estaria em casa àquela hora, no fundo, aquele encontro era desagradável, um misto de tédio e desconforto, aliás, todos os encontros o são, falar é um ato lastimável, inútil, conversar cansa-me sempre, sobretudo com interlocutores metediços como o meu amigo, com quem, para ser sincero, não falo ou falo pouco, o maior problema da minha vida é ser bom ouvinte, os outros falam e eu escuto, eles abrem a boca e palram sem cessar, eu ouço tudo, estou atento, sou uma vítima, eles falam, falam, falam e só me querem ter presente como ouvinte. Por fim, reapareceu ao virar da esquina.

Assim que se aproximou de mim, ofereceu-me um cigarro, aceitei-o, guardei-o no bolso, ele expeliu uma baforada de fumo e perguntou-me, uma vez mais, se me lembrava do dia em que os alemães tinham gravado a minha voz. Não largava aquele assunto! Sem lhe responder, pedi que entrássemos no café, ele acedeu e logo nos sentámos a uma mesa na sala principal, não na das traseiras, o referido salão seleta, para não armar ao fino, o garçom acercou-se de nós, pedi um café e o meu amigo pediu dois chás, não dois chás para duas pessoas, desejava dois chás para a mesma pessoa, que deveriam ser-lhe servidos com vinte minutos de diferença, se um arrefecesse, teria logo outro

para beber e, em seguida, tirou um pequeno relógio do bolso e pôs-o em cima da mesa, como convinha a um sujeito tão providente e, inclusive, um tanto-quanto perverso na sua pontualidade, ao contrário de mim, que estava ali em vez de estar em casa. Serviram-me um café bem cheio, provei-o, achei-o um pouco forte. Depois, com os bilhetes de comboio resguardados no sobretudo, o meu amigo repetiu a pergunta que me fizera já inúmeras vezes.

Sim, respondi-lhe, recordava-me da ocasião em que os alemães gravaram a minha voz no campo de detenção para prisioneiros de guerra, apesar das circunstâncias, lembrava-me com grande exactidão do que sucedera, garanti-lhe. Num dia, no início de junho, serviram-nos ao jantar sopa de beterraba com cascas de batata, a sopa tinha também lascas de peixe, alguns dos franceses comeram-nas e pernoitaram na enfermaria. A noite apresentou-se fresca e, ademais, o soldado Almeida tinha morrido, fomos informados do seu falecimento antes de nos servirem a refeição. Ocorreu-me de imediato que tinha em minha posse a carta que escrevera a seu pedido, uma carta ditada pelo soldado Almeida e a remeter à sua família, não a conseguira ainda expedir, guardava-a na algibeira, na verdade, não a enviara, porque nem sequer o tentara. Terminado o jantar, saí do barracão e mostrei a carta a Müller, um dos guardas, ele estendeu-me a mão e assim permaneceu, de mão estendida... saquei de um cigarro, não lhe tocou... as unhas cresceram-lhe, os dedos alongaram-se-lhe... esforçou-se, abriu as mãos, jamais conseguiria aceitar tão-só um cigarro. Ao ver que não levava mais nada comigo, cerrou os punhos e virou-me costas.

Na manhã seguinte, enterrámos o Almeida, o soldado Lopes, dois belgas e eu, sempre acompanhados por dois guardas armados, transportámos o corpo para fora do campo, um dos belgas falava alemão e entreteve-se a contar piadas aos guardas

enquanto abríamos a sepultura, pelo menos os alemães riram-se, estavam felizes. Embora fosse cedo, transpirávamos copiosamente e não havia nada que beber, à hora do café matinal, tínhamos um caldo ralo e morno, por sorte, eu tinha apanhado um talo de couve, o Lopes, todavia, só bebera água suja e não tardou a, desequilibrado, assentar a pá na terra, vi-me obrigado a ampará-lo para que não caísse de cabeça na cova, os guardas não se aperceberam de nada e o belga que nos ajudava começou a escavar com mais força e a assobiar com o intuito de ocultar toda aquela situação, os guardas não apreciavam os nossos desmaios, pouco lhes interessava a produtividade no trabalho, porém, explodiam de raiva sempre que um dos prisioneiros desfalecia, porque a fome estava proibida nos campos de prisioneiros sob o comando do império alemão e eles irritavam-se, e com razão, o belga assobiou uma canção inteira e nós dançámos na borda da cova, ora um pé à frente, ora outro atrás, sem cairmos. Por fim, o meu compatriota recompôs-se, readquiriu alguma cor nas faces, retomou o trabalho e cantarolou sobre tudo e mais alguma coisa, ainda que as letras incidissem sobretudo na enumeração de acepipes, de azeitonas e castanhas a faisão assado, ele nunca tinha provado faisão, eu também não, mas contentava-me com um pão branco, bem cozido, talvez uma caixa de bolachas, ou meia caixa, bastar-me-ia talvez meia caixa de bolachas ou três bolachas e uma fatia de pão duro, o Lopes soltou um estalido com a língua e o belga, ao entender que falávamos de comida, mostrou-se curioso.

— Hmm... *Apfel* — disse ele ao juntar os dedos, esfregando a barriga e logo apontando para a boca.

Há quanto tempo não víamos uma maçã vermelha, amarela, verde, carnuda ou mirrada... nada... as maçãs tinham-se extinguido, genuínos frutos mitológicos... Se ao menos tivéssemos um simples cigarro, como os que os guardas fumavam... O Lopes continuou o seu delírio.

– Um faisão, ouviu, meu capitão? Com batatas a acompanhar. Imagine só.

Pouco depois, terminámos de abrir a sepultura, arrastámos o corpo do Almeida, o cadáver estava sobremaneira leve, não nos custou nada, virámo-lo, rebolou e, no final, depois de lhe atirmos algumas pazadas de terra para cima, o belga mais conversador espetou uma cruz feita de galhos à cabeceira da campa. Ficou bonita. Decidimos descansar um pouco e, de braços cruzados sobre o cabo da pá, junto às árvores, sentimos uma brisa vinda do interior da floresta, entretivemo-nos a contemplar a paisagem, as flores despontavam por entre o verde, eram flores curiosas, nunca fui capaz de indicar os nomes de flores que não fossem rosas ou margaridas, talvez identifique uma tília, de resto, nada de nomes, a minha memória não os retém, é péssima com plantas em geral, não distingo um carvalho de uma faia. Fosse como fosse, era agradável estarmos ali, contudo, um dos guardas acabou de fumar outro cigarro e fez-nos sinal para nos irmos embora, caminhámos devagar até ao campo de prisioneiros, os alemães não nos obrigaram a estugar o passo porque estava-se bem ali e, com a nossa fome, não havia para onde fugir, o mais longe que iríamos com o caldo seriam uns dez metros, para vinte metros precisaríamos de um nabo inteiro, sem um nabo inteiro não havia como correr mais de vinte metros sem ser atingido por uma bala, acreditava eu, para correr no mínimo vinte metros, ou mesmo trinta, teria de comer uma malga de sopa com um nabo inteiro, cria eu. Um nabo inteiro! O Lopes arrastava os pés.

– Meu capitão, teve notícias dos seus documentos?

Não tivera notícias e encolhi os ombros, falar cansava-me, o Lopes não era tão intrusivo quanto o meu amigo, contudo, fazia-me perguntas, sempre perguntas... As perguntas não me incomodam muito, creio, o problema está em exigirem resposta, com efeito, se as perguntas não requeressem uma resposta,

duvido que me irritassem, na verdade, acho que as interrogações me exasperam meramente porque exigem uma resposta, essa é que é a verdade. O som dos nossos passos reverberou no carroiro, a brisa continuava agradável, pareceu-me ouvir um pisco-de-peito-vermelho. Pássaros, esses sim, memorizo.

– É triste o que aconteceu ao Almeida, não, meu capitão?

– Sim, uma lástima.

– Morreu de pneumonia?

– Creio que sim.

– Ainda era novo.

– Sim, creio que era bastante novo.

– Se calhar, mais novo do que eu, não, capitão?

– Não... quer dizer, sim, oh, sim, talvez.

Em seguida, inquiriu-me quanto à existência de uma possível namorada, uma mulher, acerca do local de origem do Almeida, e confessei-lhe que me eram desconhecidos todos esses pormenores, era um soldado de infantaria, morreu de pneumonia, bastava-me, o Lopes, por seu turno, pensava ser preferível morrer com uma bala ou uma granada... feito em pedaços... um pouco aqui, outro pouco acolá... de pneumonia podíamos nós morrer em casa, tinha a sua razão, era bem pensado da parte do Lopes, pois uma morte por causas banais, civis, seria talvez conflagradora... de que morreu o seu filho lá na Flandres?... de pneumonia... de disenteria... da gripe espanhola... de febre tifoide... não seria fácil para um pai, não era façanha que se alardeasse em convívios de amigos.

– Tenho sentido dores de cabeça e por todo o corpo, meu capitão. E suores — disse ele.

– Consulte o médico, vá à enfermaria mais logo — sugeri.

Que bem cantava o pisco. Alguns passos depois, avistámos a entrada do campo, uma das sentinelas tinha um cão, cujas costelas eram bem visíveis sob o pelo, arfou, latiu, abriram-nos o

portão quando um dos guardas assobiou, o Lopes fitou-me, abriu a boca como se prestes a dizer alguma coisa, tal qual um verdadeiro idiota, fechou-a e nada disse, instiguei-o a falar.

— Pode escrever-me uma carta? — perguntou-me ele.

Sim, claro que podia, bastava que ele me providenciasse uma folha de papel, e não havia problema, pois ele tinha uma folha de papel, disse-me ele, desconhecia onde arranjavam folhas de papel, inteiras ou fragmentos, alguns nem sabiam ler e arranjavam papel mais depressa do que eu, um mistério, a prova da minha incapacidade, eles eram sagazes, aplicavam a esperteza prática do seu meio habitual, eles tinham papel e eram analfabetos, eu, um inútil sem papel... Demos mais alguns passos, já não ouvia o pisco.

— Quero dizer à minha mãezinha que venda a ovelha se precisa do dinheiro. Ganha-se afeto aos animais e custa-nos.

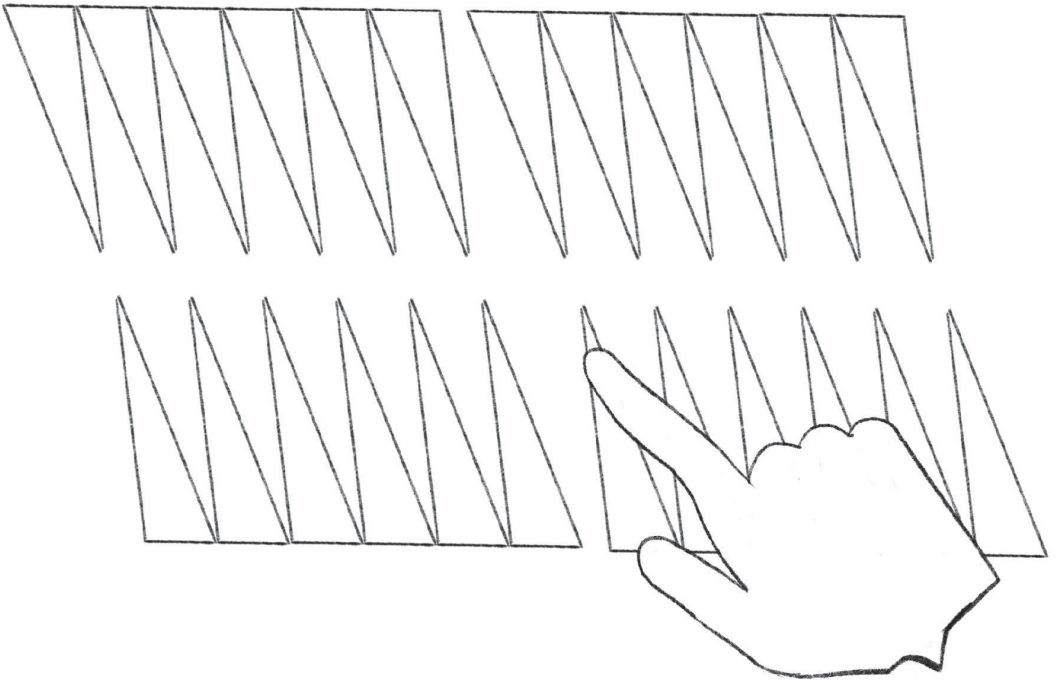
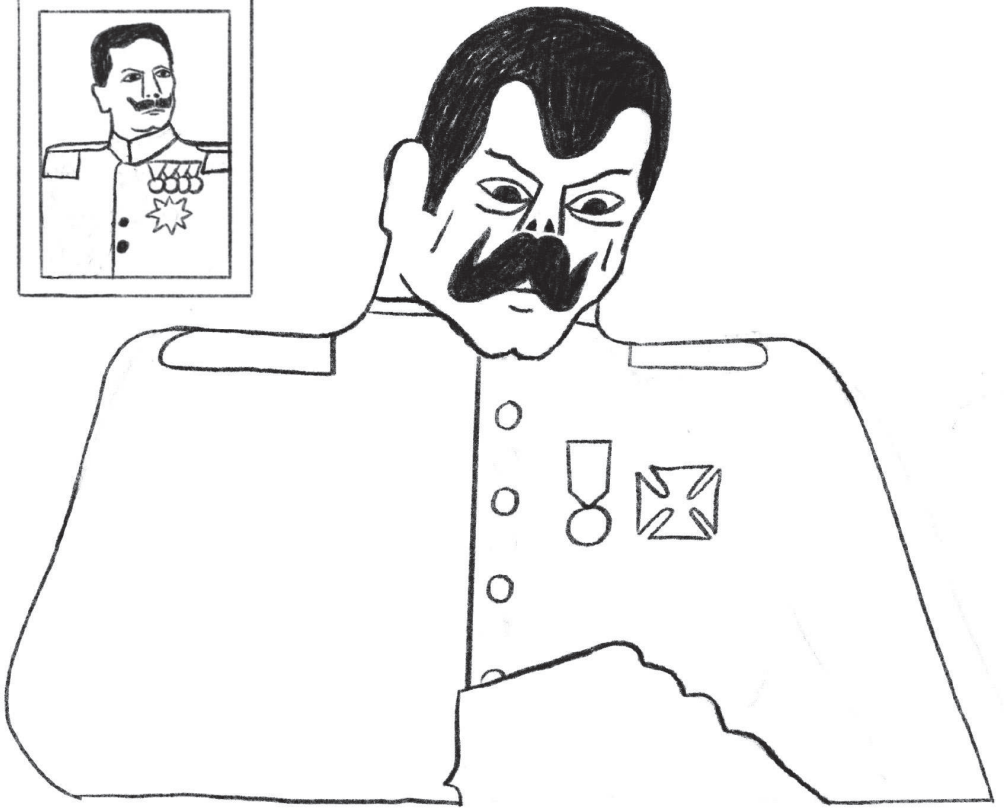
Determinou-se que lhe escreveria a carta nesse mesmo dia, quiçá antes do jantar, nunca depois, não, o ideal era escrevê-la antes, para facilitar a digestão, com aquela fartura, não seria de descurar a digestão. Ele ficou contentíssimo, risonho, o soldado Lopes não teria mais de 23 anos e, junto com o pai, trabalhara no campo, antes de ser recrutado, afirmava-me amiúde que era melhor com a enxada do que com a espingarda, a baioneta ou a metralhadora, eu acreditava nele, imaginava-o, inclusivamente, com um balde de batatas às costas, batatas cozidas, assadas... em quantidade!

Depois de transpormos os portões, Müller aproximou-se e comunicou-me que o comandante Schiller me queria falar e, por conseguinte, deveria encaminhar-me para a *Kommandantur* mal entregasse a pá. O céu estava límpido e o sol radiante, um clima ameno.

Dizia-se no campo que Schiller tinha uma irmã, perto de Munique, a quem enviava retratos dos prisioneiros, e constava também que

queria ser pintor, mas que o tinham chumbado na Academia de Belas Artes, que lhe tinham destruído as esperanças no campo artístico, o que lhe arrasara os sonhos na arte fora algo relacionado com insultos e um duelo de honra, tendo como resultado a entrada no exército, um verdadeiro drama para um espírito tão nobre, Schiller era um artista, olhava-se para ele e via-se que era um artista nato, não havia dúvida, aquele homem já tinha nascido artista, tinham-no destroçado no exército, os rumores poderiam ser verdadeiros, é possível. Quando entrei na sala, ele estava sentado diante do tabuleiro de gamão, levantou-se e fiz-lhe a continência, Schiller ordenou ao guarda que saísse da sala, sentámo-nos e ele entabulou conversa, felizmente, o comandante falava um francês excelente, entendíamo-nos sem problema e ele, sem deixar de fitar os papéis espalhados sobre a mesa, discorreu sobre a necessidade de acautelar os extravios dos documentos que certificavam a patente militar, não se coibiu de referir as propriedades corrosivas dos solos franceses e belgas sobre o papel, contrastantes com o efeito da turfa e do pântano na conservação de cadáveres, que deveria ser do meu conhecimento, acrescentou, além disso, ter em consideração a minha situação, bem como o meu pedido de resolução do caso, todavia, via-se tolhido pelas circunstâncias e nada lhe restava senão aguardar pelo envio dos documentos por parte das autoridades militares competentes, o comando alemão entrara em contacto com o comando português, porém, com as linhas cortadas, o pão derrubado pelas estradas, os cereais por colher... o comando português não respondia aos domingos e, por economia, recusava-se também a empregar os serviços postais... nem um único selo... nem um carimbo... tinham comido todos os pombos...

— *Mein Herr*, teria todo o gosto em transferi-lo para um campo de oficiais, mas, como compreenderá, não posso abrir uma exceção e aceitar, assim, sem provas, sem uma mera placa identificativa,



a sua putativa patente de capitão. Compreende, não? Espero que seja compreensivo. *Mein Herr*, na guerra é precisa paciência.

Depois, disse-me para ter em consideração que a luta prosseguia, era infundável, o homem paciente é o homem do futuro. A paciência compensa, disse ele, quem espera é invariavelmente recompensado, afirmou, não há maior virtude do que a paciência, explicou ele. Perguntou-me se já me tinha contado uma certa história escabrosa acerca do seu primo. Não tinha. Estendeu as pernas ao comprido, descaiu um pouco no cadeirão de braços, como se se fosse lançar ao chão, porém, não, não se atirou, permaneceu sentado, creio que deu até um pequeno salto no cadeirão.

— Escute: o meu primo não tinha paciência. Aqui há uns anos, namoriscava uma rapariga da Vestfália. Tudo em segredo, claro. Um dia, a rapariga ludibriou a família e encontrou-se com ele às escondidas, passaram a tarde juntos, sabe como é. Ao fim do dia, ele acompanhou-a à estação e viu-a entrar na carruagem, mas estava com pressa... não sei se procurava outra mulher, se tinha fome... Pôs a rapariga no comboio e virou-lhe costas, percebe? Pois o homem esquecera-se de um lenço com a jovem. Ela dá conta disto está já o comboio em andamento e, sem pensar, atira-se porta fora, com o lenço na mão, tropeça na borda da plataforma, cai estatelada na linha... Foi como uma folha de papel que passasse por entre uma frincha. Ficou com a cabeça num trambolho, uma desgraça, com o lenço na mão e o meu primo bem longe! Tudo em virtude da impaciência do meu primo. E dela! Por conseguinte, como *mein Herr* compreende, sem papéis...

Conquanto a história fosse, no mínimo, críptica, compreendi tudo, não sabia ao certo se Schiller tinha ou não inventado a história nem o que pretendia ao certo, contudo, compreendi, sim, compreendi, porque sou perspicaz e, bem, não tinha documentos, roubaram-mos quando da rendição, juntamente com o meu casaco, as polainas, o relógio que o meu pai me oferecera,

o dinheiro, foram apreendidos, não roubados, há que ser rigoroso, disseram que mos apreendiam por ser prisioneiro de guerra, visto ser prisioneiro, eram obrigados a confiscar os meus pertences, disseram eles. O uniforme alemão que me atribuíram não era do meu tamanho, alongava-se demasiado nas mangas, ao mesmo tempo que se mostrava curtíssimo nas costas: o meu tronco disforme assemelhava-se a um fole inchado. Uma aberração, de facto, mas não surpreendente em alguém com a minha assimetria corporal.

– Jogamos uma partida de gamão? – inquiriu ele.

Acedi. Findo o jogo, Schiller passou a mão pelo cabelo e propôs uma segunda partida, uma terceira, venci todas em pouco tempo, à quarta partida, o comandante começou a bufar e a revirar a ponta dos bigodes ruivos, usava-os aprumados e bem untados com cera, quase se pareciam com os do retrato do imperador Guilherme II que tinha pendurado na parede, deixei-o vencer, estava-se bem ali, tal como junto à floresta, o silêncio compensava o cativo, nada de metralhadoras, morteiros, balas perdidas, só um disparo esporádico, um voo rasante cada vez mais frequente... batalhas aéreas sobre as nossas cabeças... era assim o conforto, o repouso silencioso e, poucos minutos decorridos, estando nós na quinta partida, surgiu o gato de Schiller, que se esgueirara pela porta entreaberta, era um gato laranja, peludo, não raras vezes o víamos atravessar o terreiro, roçou-se nas minhas pernas, afaguei-lhe as orelhas, ele esticou-se e saltitou para logo regressar às minhas calças, oh, não tinha pulgas nem piolhos, pois Schiller certificava-se de que isso fosse impossível, um ordenança escovava-o duas vezes por dia com três tipos de pente, cada um com a sua largura de dentes, num espetáculo digno de se ver sempre por volta das três da tarde, no fim, o ordenança arrancava os pelos das escovas e largava-os no terreiro, para que o vento os levasse, tal qual uma criança com bolas de sabão. O comandante cofiou

os bigodes lustrosos, puxou-lhes a cera, esticou-os, levou-os ao limite, estava satisfeito, o gato acercou-se do dono, Schiller regozijou-se assim que o animal saltou para cima da mesa, lá fora, a chinfrineira não cessava, a janela alta permitia observar tudo, arrastavam, entre arquejos, duas enormes bobinas de arame defronte da residência do comandante.

– Com licença – disse Schiller, pôs-se de pé com o gato em braços e dirigiu-se à porta, de onde, pouco depois, chamou o guarda, trocaram algumas palavras, permaneci sentado à mesa, o imperador Guilherme fitava-me desconfiado, os seus olhos pareciam faiscar atrás do vidro e na escrivanhinha entreviam-se os famosos esboços de Schiller sob a papelada, não eram maus, os retratos, quando regressou à mesa, perguntei-lhe:

– O comandante não terá um retrato do Almeida?

– Almeida? Quem é esse Almeidaaaa? – Afagou o gato.

– O soldado que morreu ontem de pneumonia. O senhor comandante talvez se lembre de ter ordenado o enterro dele hoje de manhã.

– Ah... não sei, não os conheço pelo nome. São muitos homens. Muitos homens! Almeida, diz-me...

Tentou pronunciar corretamente o nome. Repeti-o com lentidão:

– Al-mei-da...

Schiller não conseguia, a língua enrolava-se-lhe na boca... chegou, inclusive, a exibi-la.

– Veja, *mein Herr*, olhe para isto. Enrola-se.

Espaventosa, ela enrolava-se, sem dúvida... um vexame... a língua estava suja... uma vergonha militar... Schiller não se lembrava do Almeida... Eram centenas de prisioneiros, pelos céus. Confirmou-me, contudo, que era possível tê-lo desenhado, talvez o tenha esboçado, asseverou-me, não é impensável tê-lo retratado, garantiu-me. Talvez num dos seus passeios matinais

pelo campo, ou caso o tivesse vislumbrado durante a formatura, quem sabe? Sim, era possível, desde que o rosto o tivesse atraído por uma qualquer característica. O tal homem seria estrábico, zarolho, narigudo? Tentei recordar-me do Almeida deitado na cama da enfermaria, ou na ocasião em que me pedira para escrever a carta, rememorei-o tão-só acorçado no terreiro, de rosto voltado para o chão e com a malga na mão, numa ocasião em que entornaram a sopa. Nada acrescentei. Nesse momento, o gato miou e Schiller tentou reconfortá-lo. Sem o conseguir, impacientou-se e não mais cofiou os bigodes ruivos.

— Sabe, se o comandante, por mero acaso, encontrar...

— *Mein Herr*, sem documentos nada posso fazer. Depois, talvez possa transferi-lo para Breesen... e ter aí o seu próprio ordenança. Porém, até lá, nada feito! Há que trabalhar. Tenho inúmeros problemas... muitas dificuldades neste campo... Por causa dos prisioneiros, apenas e só por culpa dos prisioneiros! E os russos, já pensou nos russos? Há que alimentá-los quando ainda por cá andam. Ou seria preferível deixá-los morrer à fome, *mein Herr*? Somos homens civilizados, não? É difícil ser comandante, garanto-lho...

Era difícil, levantei-me e fiz-lhe a continência, o comandante chamou de novo o guarda e este acompanhou-me à porta. Como último comentário, Schiller perguntou-me se eu tinha algo mais a dizer, não tinha, pensei, por um instante, se não deveria ter apresentado algumas das minhas outras queixas, os prisioneiros passavam fome... No fim de contas, espera-se um pouco mais de um capitão, de um oficial, virei-me para trás, olhei de soslaio para o guarda, no entanto, fui-me embora, abstive-me de falar, porque o silêncio é invariavelmente a melhor opção, creio, nada se equipara ao silêncio como resposta a qualquer problema, acredito. Perante uma adversidade, o melhor é manter o silêncio, penso. No exterior, as duas bobinas de arame encontravam-se

abandonadas no terreiro, em frente à *Kommandantur*, os homens haviam-se reunido em grupos a algumas dezenas de metros em direção às casernas. O céu continuava radiante.

No meio do grupo de portugueses, o cabo Timóteo cantava e dançava, era o único prisioneiro do campo que servira sob o meu comando, ao cantarolar, espantava os seus males e os piolhos saltavam-lhe do cabelo... estava cheio deles, atafalhado... os outros homens pouco se importavam, pois se não fossem os piolhos, eram os carrapatos, mais sangue, menos sangue... ali, eram essas as batalhas que nos restavam. Ainda assim, temi que um dos soldados alemães o visse naquele estado, uma vez que isso levaria, sem dúvida, a uma desinfestação geral em todo o campo e ao odioso depilatório... seria, contudo, difícil ocultá-los, eram muitos os piolhos, poderiam sugar metade da Alemanha, bastava que um dos alemães reparasse nos seus pulos... Tentei, portanto, acalmar o cabo Timóteo e levar os homens para uma área mais recatada.

— Então, meu capitão, os boches vão transferi-lo?

Abanei a cabeça e disse-lhe que não: sem documentos, nada de patente. Eles sorriram e tentaram animar-me, porque eu talvez estivesse desanimado, ou aparentasse estar desanimado, não sei ao certo, um dos homens propôs jogarmos às cartas para passar o tempo e eu aceitei a sugestão com a condição de não apostarmos comida, o faisão assado deixara-me indisposto. Entretanto, alguns franceses tinham-se aproximado do grupo, montámos uma mesinha com um caixote meio partido e, por entre a confusão, foram quatro os que rodearam a mesinha improvisada, o cabo Timóteo fez par comigo, o Lopes emparceirou com Le Bidon, este último puxara o cabelo para trás, molhara-o... vi-lhe as lêndeas. Outro antro de infestação. A França continuava de pedra e cal na guerra... oh, sim... Propuseram-se as apostas,

o Timóteo queria apostar meia dose da sopa do jantar, talvez tivéssemos direito a linguiça, que entraria também no saque, irritei-me e dei uma pancada no caixote, quase o parti, pensara ter sido claro ao anunciar que não jogava a comida, que nem sequer desejava que a mencionassem, era repugnante, o Lopes sugeriu, então, apostarmos a tarimba, uma enxerga para um só homem, os que perdessem cediam o leito por uma noite, durante a qual dormiriam no chão, cada derrota, uma noite, no entanto, Le Bidon, sendo francês, não dormia na nossa caserna, à noite separavam-nos por nacionalidades, escurecia demasiado para nos distinguirem pelas feições ou pelo arqueamento do bigode. Enfrentávamos, por conseguinte, um pequeno problema, pelo que me vi obrigado a explicar a Le Bidon em que consistia a proposta do Lopes, ele sorriu e disse que apostava, de sua parte, uma hora de trabalho por cada jogo, hora de trabalho que cumpriria fossem quais fossem as tarefas... incluindo limpar as latrinas... as fossas... se ganhasse, um de nós substitui-lo-ia... Eu traduzi a algarviada do francês e todos se mostraram satisfeitos.

Roguei, então, para que todos se afastassem das minhas costas, não queria ninguém atrás de mim, nunca quis ninguém atrás de mim, tive sempre esse cuidado, o de não ter alguém nas minhas costas, em especial durante a guerra, ser um bom oficial implica estar atento à retaguarda, não há como se ser um capitão com futuro se não se atentar a quem se encontra atrás de nós, um soldado de depressa nos enfia uma baioneta ou um tiro nas costas se formos oficiais, ou uma mocada na cabeça, sem dúvida, pensava eu, sem testemunhas, um soldado é capaz de nos pregar a testa ao cocuruto, tudo à paulada, ou então de nos cortar a garganta, está-lhe no sangue após semanas, meses e anos de opressão sob a autoridade, era a minha opinião, também eu, de resto, mataria de bom grado um oficial superior, é característico da natureza humana, concluí, o homem é homem porque

mata com prazer ou indiferença, o homem é um macaco violento em todas as ocasiões em que não se vê constrangido pela sociedade, por isso, as multidões são perigosíssimas, lincham-nos sem pestanejar, aqueles soldados eram uma multidão, a guerra é composta de multidões que nos querem eliminar, cada membro da multidão é um assassino, gesticulei para que os prisioneiros se colocassem ao meu lado e começámos a jogar. As minhas cartas eram uma miséria, as do Timóteo também, perdemos a primeira partida, o Lopes e Le Bidon logo se regozijaram... lambuzaram-se na vitória... o francês abanou-se, as pregas de pele que lhe pendiam do queixo balançaram de um lado para o outro... uma genuína barbela... asqueroso... virei a cara, o calor de junho envolvia-me e eu transpirava sem cessar, senti a sede apoquentar-me a língua, porém, deixara a minha malga na caserna e não quis pedir a de outro companheiro, a doença alastrava pelo campo, a tuberculose e a pneumonia matavam-nos aos poucos, no inverno anterior, os romenos haviam morrido às dezenas por conta da gripe, segundo constava, eu estava ainda longe dali, nas trincheiras, quando os romenos morreram às pazadas, era o que se dizia, que tinham perecido às centenas com disenteria, decerto propagavam-se também todos os géneros de pestilências labiais e linguais... pústulas... carne viva... lacerações... Era preferível evitar os riscos!

Distraí-me com os meus pensamentos vagos e os homens barafustaram, pouco depois, devia já outra noite na enxerga ao Lopes e uma segunda hora de trabalho a Le Bidon, começámos a terceira partida, o francês pouco se acororara, porque suportava com dificuldade o peso, estava no campo quase desde a sua abertura, era incrível como conseguia conservar as banhas em redor do ventre enquanto todos nós, portugueses, há apenas alguns meses ali aprisionados, definhávamos de dia para dia, a comida não sustentava um homem, mas, claro, Le Bidon não

era verdadeiramente um homem... era uma alimária... Ademais, dono de diversos atributos, certas manhas, não lhe era alheio o tráfico... tabaco... papel de carta... bolachas... meias... roupa de senhora... Com tantos sabões que lhe passavam pelas mãos, seria tempo de lavar a cabeça, esfregá-la com ardor, quiçá com alho e vinagre.

— Meu capitão, porque espera para jogar?

Mirava as lêndas de Le Bidon, depressa joguei uma cartada, conquanto a pouca atenção com o que o fiz, o Timóteo rezingou, e com a sua justiça, perdemos a partida, a derrota não me agradou, é um facto, Le Bidon e o Lopes exultaram, virei a cara para não assistir àquele espetáculo degradante com a barbela... de um lado para o outro... Assim que se acalmaram, pedi a desforra, eles aceitaram, o círculo à nossa volta apertou-se, os homens lançaram os seus roncões e resfolegares, arrepriavam-me ao tocar-me na nuca... senti que me tocavam na nuca... estive a ponto de saltar e bradar «Fora daqui!», contudo, prosseguimos com o jogo, as cartas mostraram-se mais benéficas, ganhámos, o Timóteo era todo ele bazófia, abatêramos duas das derrotas anteriores e já falava como se em vantagem, tentei acalmá-lo sem, no entanto, o conseguir, o distúrbio atraiu a atenção de dois guardas, entre eles um Müller em bracejos que nos deu ordens para dispersar ao mesmo tempo que os homens se encolhiam e protestavam. Por entre a confusão, o Timóteo escondeu as cartas nas calças e debandámos, os portugueses para uma extremidade do terreiro, os franceses para a outra, depois, cada homem para seu lado. O Timóteo ainda me seguiu, tentou correr atrás de mim com as calças à banda.

— Espere, capitão!

Fiz ouvidos de mercador e segui em frente, de modo que o cabo Timóteo sossegasse um pouco, comecei a deambular longe das casernas e das barracas, as pessoas perturbavam-me...

perguntas, conversas... tudo inútil, infrutífero... Ansiava por ouvir outra vez os piscos, ou os melros, fazia calor, um corvo crocitou. Junto ao arame farpado a norte, deparei-me com o soldado Ferreira, mais conhecido como «Fisga», que, numa mão, tinha o apetrecho que lhe atribuía a alcunha.

– Meu capitão, meu capitão, força, meu capitão – balbuciou ele, estacou.

O seu discernimento não era o mais acutilante, alguns homens tinham combatido com ele na Flandres, durante uma contraofensiva, o Fisga perdera-se do destacamento e, sob o olhar distante dos companheiros, errara pelas trincheiras dois dias consecutivos, sem nunca se atrever a erguer a cabeça e correr para a sua linha, até que os alemães o avistaram numa vala de comunicação e trataram de fazer tiro ao alvo, ele escapou e atirou-se para um enorme buraco aberto pelo rebentamento de projéteis, passou aí mais um dia, entre cadáveres, membros decepados e dois feridos que generam toda a noite e como, de manhã, já nenhum deles falava, o Fisga viu-se sozinho quando o inimigo bombardeou as nossas linhas com gás, por fim, correu, sem máscara, só parando ao embater em dois companheiros. Perdeu a visão por quatro dias e nunca mais disse nada que fizesse sentido. Sentido para nós, pelo menos para nós... faria sentido para ele? É possível... provável! No entanto, ainda que de cabeça afetada, criara uma fisga com um galho e duas presilhas encontradas sabe-se lá onde – uma façanha – e andava sempre com ela, os boches achavam-lhe piada, não lha confiscavam. Quando abriu a mão fechada, temi que escondesse um pisco, mas era um caracol.

– Meu capitão, força, meu capitão.

Em seguida, enfiou o caracol na boca e mastigou, comeu-o assim, nesses preparos, com a casca.

– Meu capitão, força, meu capitão.

Foi o que entendi do seu tartamudeio... cuspi-se... tinha a boca cheia... uma alimária... uma besta!... inocente, porém... Anuí e o Fiska fez-me a continência, prossegui, ele permaneceu em sentido enquanto me afastava.

Afastei-me. Decidi sentar-me nas traseiras das cozinhas, alguns britânicos e russos rondavam o lixo em busca de cascas de batata, um russo altíssimo, um esqueleto, encontrara meia beterraba podre e logo a comeu, pintando de púrpura o queixo e as mãos. Riu-se à gargalhada, estava feliz, contagiou os companheiros, penso que também eu sorri.


Queria escrever, anotar aquilo em que pensava, o que acontecera no campo nesse dia, decidi não escrever, faltava-me o papel e era inútil, uma perda de tempo, portanto, pus-me então à escuta de pássaros, porém, não escutei o canto dos piscos. Era cedo de mais e eles repousavam nas árvores. Ao meu lado, o russo saltitava com o queixo pintado.

«A noite levava-nos a pensar, a imaginar comida, a nossa casa, mais comida, terríveis cenas de infância, essa época abominável, misturavam-se com imagens de comida e exponenciavam o nosso suplício (...) tornava-se incomodativo e alguns choravam, para em seguida se rirem. Terminadas as lamúrias, tudo corria melhor, fazia-se silêncio, podia-se dormir.»

A Grande Guerra assola a Europa do início do século xx. Um capitão do Corpo Expedicionário Português encontra-se num campo de prisioneiros alemão, sem documentos que atestem a sua patente de oficial, obrigado a partilhar a vida e o destino dos seus conterrâneos mais pobres. Tem fome, ouve detonações constantes, observa, sonha, procura um sentido para tudo aquilo que o rodeia, tenta terminar o relato de uma estranha história sobre cientistas alemães e gravações de voz, procura desesperadamente o silêncio e, acima de tudo, a paz das coisas simples.

«No intrincadíssimo horizonte da atual literatura portuguesa, João Reis oferece uma marca de singularidade muito original.»

Jornal de Letras

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-8864-30-7  9 789898 864307 Ficção em Língua Portuguesa
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	